

Orientação Sexual na Escola e Religião: um diálogo que se faz urgente¹

Depois de muitos anos trabalhando com a sexualidade e com a sexualidade dos jovens, chamou-me a atenção o fato de as ligações entre sexualidade e religião, e, mais especificamente, entre Orientação Sexual e religião serem tão pouco estudadas. Percorrendo os mais conhecidos livros sobre o tema, conversando com colegas sobre o assunto, percebi que há muito mais silêncios que indagações acerca da influência dos valores religiosos no trabalho de Orientação Sexual. A partir daí foi inevitável imaginar que este silêncio encobre múltiplas perguntas, esconde muitos não-saberes, inquieta corações de professores, pais e alunos. Então, o desejo e a necessidade de estudar as implicações das posturas religiosas no trabalho de Orientação Sexual tornaram-se-me imperativos. Este artigo é parte de meu próximo livro sobre o tema e antecipa algumas reflexões que desenvolverei no livro.

O trabalho de Orientação Sexual é relativamente novo e ainda carente de uma melhor aproximação científica que lhe dê respaldo teórico e que permita uma maior tranquilidade aos educadores que se ocupam dele. Nos últimos anos tem-se ampliado a atenção para os aspectos teóricos da Orientação Sexual, com estudos sendo realizados em diversos pontos do Brasil, a maioria deles baseada em práticas que se desenvolvem a princípio intuitivamente e que depois exigem delimitações mais claras oferecidas pela racionalidade científica. No entanto, há uma área da Orientação Sexual que permanece como que envolta em tabu: as influências que ela sofre da e exerce sobre a religião.

Se a ligação entre a sexualidade humana e a religião é tão antiga quanto a hominização, o que justificaria o silêncio sobre os aspectos religiosos que fazem interface com a Orientação Sexual? Seria possível fazer-se um trabalho de Orientação Sexual na escola sem tocar em temas caros às moralidades religiosas? Como é possível debater-se sobre a educação sexual sem tocar nos temas moralizados pelas religiões se a moral religiosa sexual ainda é tão básica em nossa sociedade ocidental, notadamente na brasileira? Incomodado por estas questões, lancei-me a pesquisar e não foi sem um certo espanto que encontrei em alguns autores a crença de que se poderia discutir a sexualidade humana sem se tocar em questões morais, como se fosse possível uma aproximação apenas higiênica, cientificamente

¹ Artigo publicado na Revista *abceducatio*, ano 4, número 28, outubro/2003

“esterilizada”, que tocasse apenas em temas ligados à saúde e à qualidade de vida, sem passar por valores pertinentes à moral e, por extensão, à religião.

Em outros cientistas encontrei o reconhecimento da impossibilidade de se estudar a sexualidade humana sem haver contato com as fronteiras religiosas dessa sexualidade. Mas a maioria desses autores olhava apenas sob um determinado ângulo para o encontro entre a religião e a sexualidade humana, o ângulo da repressão exercida pela religião. Para esses estudiosos, religião e repressão sexual são praticamente sinônimos. Com efeito, se olharmos a história do Ocidente facilmente encontraremos a religião exercendo um papel repressor sobre a sexualidade. Não uma ou outra religião, mas a religião de uma forma geral tem legislado de maneira rigorosa sobre a vida humana ocidental em grande parte através da sexualidade. Não poderia ser diferente: a cultura ocidental se apóia na sexualidade, principalmente nas relações de gênero, para determinar as cooperações sociais.

Notadamente depois do advento do patriarcado, ser homem ou ser mulher faz uma imensa diferença em termos de possibilidades de realização em meio à sociedade ocidental, essa mesma sociedade que, desde os seus primórdios, teve e tem na religião se não a, uma das mais importantes e poderosas ferramentas de aglutinação e de moralização. Essa ferramenta foi excessivamente severa em grande parte da história ocidental, trazendo não raro limites por demais estreitos para a vivência da sexualidade humana. A maior parte, se não o todo dos livros sobre a sexualidade humana enfatiza esse aspecto da interface entre a religião e a sexualidade praticamente como se ele fosse o único. O reflexo disso na Orientação Sexual é, por um lado, a tentativa de se negar a importância dessa interface, como já comentei, ou, por outro lado, o aprisionamento do olhar apenas nos aspectos repressivos dessa interface.

Não acredito que essas sejam as únicas possibilidades de se analisar essa interface, de maneira que lanço a idéia de que há a necessidade de um diálogo mais profundo e mais aberto entre a Orientação Sexual na escola e a religião. Acredito que esse diálogo já começa a acontecer e que é preciso clarear a sua importância. Tenho aqui o cuidado de olhar para o iceberg sabendo que ele não é apenas o que se mostra sobre a superfície. No caso, olhar para o encontro entre a religião e a sexualidade humana sabendo que ele não se dá apenas através da repressão e que não se constitui somente de “nãos”. As margens de um rio não são imutáveis e nem determinam a velocidade com que as águas correm, mas sem elas o rio seria lago.

Neste artigo, meu ponto de vista deriva de estudos sobre a religião. Não tivesse eu mergulhado no estudo do universo religioso e não conseguiria limpar meus olhos da lente do preconceito contra a religião, lentes que tão cuidadosamente implantei diante de meu olhar

através de anos de ceticismo científico. Em outros termos, quero dizer que este artigo não poderia ser feito a partir de um olhar que vê a religião quase como que um defeito humano, um mecanismo de defesa contra o mal estar da civilização. Foi preciso que eu alcançasse a humildade do cientista que duvida até de suas dúvidas para que eu pudesse ver a religião como ela de fato é, um direito humano. Um inalienável direito humano. Um respeitável direito humano.

Em meus estudos sobre o encontro entre a religião e a Orientação Sexual na escola, percebi que há uma lacuna: os estudiosos da sexualidade humana estudaram pouco a religião humana. Numa área, a dos estudos sobre a sexualidade humana, em que se queixa tanto de preconceitos, numa área em que se reputa à religião a gênese de tantos preconceitos, encontrei preconceitos. A maioria dos estudiosos da sexualidade humana vê apenas um lado da interface entre a religião e a sexualidade, exata e paradoxalmente seu lado mais cruel, aquele que se mostra mais fácil e veementemente. Um aspecto que se mostra tão explicitamente que causa estranheza não provocar estranhamento. Como foi possível não se perceber que há um lado luminoso que também merece ser observado atentamente? Provavelmente uma das possíveis explicações para esse lapso está no fato de os estudos científicos sobre a sexualidade humana serem ainda muito recentes se levarmos em conta a dimensão histórica da cultura ocidental. Além disso, não se pode deixar de levar em conta que para que se pudesse relativizar a regulação religiosa sobre a sexualidade tornou-se obrigatório um certo exagero nas cores dessa mesma regulação – não raro precisamos ampliar o contraste para percebermos melhor as imagens. Esse procedimento, no entanto, provocou uma lacuna para os estudiosos da sexualidade, como se o aumento do contraste tivesse obscurecido uma parte da imagem ao mesmo tempo que realçava a outra.

Também com a finalidade de começar a preencher essa lacuna, mas principalmente com a intenção de demonstrar que ela é um vazio extremamente fértil, é importante que se olhe a história da cultura humana como maneira de chamar a atenção para a parte escondida do iceberg. Mesmo nos primórdios matriarcais da espécie humana há regras incidentes sobre a sexualidade, regras sem as quais nenhuma organização social ampla é possível. Para que possa haver vida social, o desejo sexual exige ser regulamentado. Creio que hoje em dia há, como sempre houve, a necessidade e a possibilidade de transformação das atuais regras que incidem sobre a sexualidade humana, pois é bastante claro que, neste campo como no da religião, não há regras imutáveis ou não-históricas. Não quero deixar de realçar, ainda que muito rapidamente, a importante disponibilidade que se encontra hoje na sociedade ocidental,

Brasil inclusive, para a discussão e reordenação da sexualidade, para a transformação da intimidade.

A importância dos símbolos nas áreas da sexualidade humana e da religião torna necessária a pergunta sobre como é possível que este aspecto tão estruturante da sexualidade tenha andado ausente das reflexões teóricas. Meu apelo é no sentido de que possamos nos redescobrir enquanto seres simbólicos, pois ao perdermos os símbolos perdemos também a arte e colocamos em risco nossa mais tenra humanidade. Além disso, uma sociedade cujos membros não têm passagens simbólicas valorizadas coletivamente tende a ser uma sociedade de indivíduos banais vivendo vidas banais e se relacionando cada vez mais banalmente.

Assim como os indivíduos, que à medida que amadurecem ampliam sua capacidade de abstração e, por consequência, de simbolização, também deveria ser a cultura, mas parece que não é o que está acontecendo com a cultura ocidental, pelo menos no que diz respeito à sexualidade. A excessiva biologização que encontramos nos estudos sobre a sexualidade humana parece ser uma concretização exagerada dos fatos observados pelos estudiosos. De alguma maneira, parece-me que a ciência ainda não se deu conta de que o símbolo é algo que está para além do fato concreto, mas que não desfaz deste mesmo fato concreto. Dito de outro modo, o que me parece é que, enquanto estudiosos da sexualidade humana, não percebemos que o falo é *também* um pênis ereto, que uma menstruação pode proporcionar para uma mulher a diferenciação entre ser fêmea e ser feminina. Neste ponto acredito que a religião tem muito a oferecer à Orientação Sexual, dado que o simbólico é, por excelência, o terreno do religioso. Se olhados simbolicamente, alguns preconceitos podem passar a ser vistos com outro significado, facilitando uma compreensão mais ampliada e uma melhor aceitação de algumas características da sexualidade humana. Por exemplo, dentro desse olhar dialético é correto dizer-se que é possível a uma pessoa ser virgem a cada nova relação amorosa, ainda que concretamente essa pessoa já tenha experimentado relações sexuais. Na verdade, talvez o terreno do simbólico seja o lugar onde religião e Orientação Sexual mais podem mutuamente se influenciar, dado que em alguns momentos a visão religiosa perde de vista o fato concreto e exagera no valor do símbolo como, por exemplo, quando apóia a virtude de uma mulher em uma membrana tão frágil como o hímen.

Não quero deixar de lembrar também da secularização e da sua influência no trabalho de Orientação Sexual na escola, não deixando de levantar que ela, a secularização, não é um desencantamento do todo da vida nem do todo da sexualidade. Impressiona-me sobremaneira a percepção de que, de certa forma, a própria religião vem dando asas ao processo de

secularização. Penso que o crescer, que o desenvolver-se, quer seja em escala onto ou filogenética, traz sempre o dilema sobre o quanto de segurança de que se pode abdicar. Se a secularização que se inicia com o antigo Israel nos mostra inseguranças antes sequer suspeitadas, também é ela que nos conscientiza melhor de nossa condição humana, o que, dentre muitas outras coisas, pode abrir espaço para uma maior solidariedade entre os seres humanos, mercê de nos percebermos intrinsecamente necessitados de outros que sejam significativos. Além disso, as portas para o amor, para as relações amorosas, têm na condição humana as mais perfeitas chaves. Ou, dito de outra forma, somente a partir da percepção do próprio desamparo e da própria solidão é que o ser humano pode se entregar amorosamente para outro ser humano. Um dos caminhos para esta entrega é a sexualidade.

Na Orientação Sexual é importante que se note que a diferenciação, a racionalização e a mundanidade trazidas pelo longo processo de secularização a que ainda estamos sujeitados não nos retira de todo a religiosidade, mas nos permite discutir, de preferência sem receio, as questões morais e religiosas que se referem à sexualidade, de tal forma que possamos manter a esperança de alcançar um dia uma moral sexual mais democrática, mais fruto de discussões sociais e menos outorgada do que ainda é hoje. Uma moral sexual democrática *e coletiva*, pois sem o mínimo de normas comuns os seres humanos corremos imenso risco de virmos a sofrer por falta de espaço para que a empatia se manifeste.

Mais do que tudo isso, no entanto, o que verdadeiramente desejo com este artigo é lançar reflexões sobre o trabalho com a sexualidade humana no Brasil. Acredito que quanto mais investigarmos e discutirmos nossas peculiaridades, vale dizer, nossa identidade, tanto mais poderemos nos desenvolver no sentido de construirmos uma sociedade mais solidária e mais rica.

Não é sem razão que se reclama por mais trabalhos brasileiros sobre a sexualidade dos brasileiros. A peculiar alma brasileira, a peculiar sexualidade brasileira, a peculiar identidade brasileira são temas que precisam frequentar com cada vez maior assiduidade os meios científicos brasileiros. Esse imenso e erótico país precisa conhecer-se melhor para ser mais acolhedor e mais fértil solo para cada um de seus habitantes. Conhecer-se mais implica em reconhecer as particularidades da religiosidade brasileira, fruto da maneira como esta terra foi colonizada. Uma religiosidade marcada profundamente por um sincretismo persistente, por uma certa perda de poder das instituições religiosas, por um sagrado, de certa maneira, privatizado e expandido. Esta religiosidade, fruto de integração de culturas diversas e

convergentes, possibilita uma maneira peculiarmente brasileira de exercício da sexualidade e, por extensão, de trabalho em Orientação Sexual na escola.

Penso que já há maturidade para um encontro mais criativo e mais íntimo entre a Orientação Sexual e a religião. Este encontro já está se dando, embora não seja de todo fácil, como não é fácil nenhum encontro que seja potencialmente transformador. O encontro entre a Orientação Sexual e a religião é uma troca, uma troca de influências e de pontos de vista, um encontro que pode se colocar a serviço do ser humano, a serviço da construção de um mundo mais justo e mais amoroso.

Depois de séculos de rígida regulação da sexualidade pela religião, assistimos, principalmente a partir da segunda metade do século XX, embora com começo bastante anterior, a um certo descolamento entre a moral sexual e a religião. Este descolamento, à semelhança do descolamento do adolescente da moral familiar, não pode ser completo e nem pode se iniciar sem conflitos. O caminho da construção de nossos valores morais é semelhante ao caminho da construção de nossa identidade – o adolescente parte da negação de alguns valores familiares para construir seus próprios valores, dentre os quais acabam figurando muitos dos valores familiares. Além disso, o adolescente, ao descobrir seus próprios valores, acaba por modificar alguns valores da família de origem. Entendo que o processo de contato entre os estudiosos da sexualidade humana e a religião é em muito semelhante à trajetória adolescente e acredito que é chegado o momento de se reconhecer que há alguns valores familiares – no nosso caso, religiosos – que valem a pena ser assumidos explicitamente. E também é o momento de se reconhecer que é possível influenciar e modificar alguns valores religiosos que já não atendem às conquistas e ao conhecimento alcançados pelo ser humano até este momento da civilização ocidental.

Acredito que, assim como os pais são importantes na formação de seus filhos, também os filhos são importantes na formação de seus pais. Ser pai ou ser mãe é construção que se dá ao longo da relação com os filhos, uma relação de mútua transformação. O contato entre a religião e a ciência me parece em muito semelhante a este processo: basta nos lembrarmos que a religião nasceu entre os seres humanos a partir de uma necessidade de compreensão do mundo para percebermos onde está a matriz da ciência de nossos dias. Ciência e religião são diferentes, empregam métodos e seguem caminhos diferentes, mas quanto têm para conversar! No campo da sexualidade humana, parece-me que é mais do que hora de que esse diálogo seja incentivado. No campo da Orientação Sexual na escola, idem.

Parafrazeando João Paulo II, termino desvelando minha esperança de que a Orientação Sexual na escola possa purificar a religião do erro e da superstição, e que a religião possa purificar a Orientação Sexual na escola da idolatria e do falso absolutismo. Que ambas, Orientação Sexual e religião, possam ser agentes de facilitação para que a sexualidade humana seja fonte de alegrias e de prazeres, de responsabilidades e de autoconhecimento, possa ser fonte de capacidade de comprometimento. Que a sexualidade humana não seja impedida de ser fonte de encontros criativos e amorosos, quiçá alguns deles sagrados.

EBP/set/2003